



Vozes silenciadas: sobre trabalho, gênero e ensino-
aprendizagem de português na vivência de mães procedentes do
Haiti no Sul do Brasil

Silenced voices: on work, gender and Portuguese teaching and
learning in the lives of mothers coming from Haiti in southern
Brazil

Voces silenciadas: sobre el trabajo, el género y la enseñanza-
aprendizaje del portugués en la vivencia de las madres procedentes
de Haití, en el sur de Brasil

Narjara Oliveira Reis
Universidade Federal de Santa Catarina

Maria Inêz Probst Lucena
Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo

A partir de uma investigação etnográfica realizada em um curso de língua portuguesa para mães imigrantes, apresentamos e discutimos os significados do trabalho e das relações de gênero na vivência de Claitaine, mãe procedente do Haiti. Os dados foram gerados com base na observação participante e com o uso de diários e notas de campo, entrevistas, conversas informais e registros em áudio desses encontros. À luz dos significados atribuídos por Claitaine às suas ações, analisamos como o conceito *trabalho* adquiriu importância difusa e complexa. Em sua perspectiva, a busca por uma atividade remunerada foi a principal motivação de seu deslocamento ao Brasil, e a conquista de um emprego está relacionada à possibilidade de um futuro melhor para os filhos, na medida em que proporciona um melhor estudo a eles. Sua busca também parece auxiliar no desejo de uma horizontalização das relações de gênero no âmbito doméstico, suavizando o controle patriarcal, ainda que não o aplacando de todo. A visibilização do testemunho de Claitaine, em associação com a vivência de outras mães haitianas, importa para melhor compreendermos suas realidades, de modo a traçar melhores contornos em políticas linguísticas que buscam promover a inserção dessas mulheres na sociedade brasileira.

Palavras-chave: etnografia da Linguagem, imigração, gênero e trabalho.

Abstract

Based on an ethnographic research carried out in a Portuguese language course, we present and discuss the meanings of work and gender relations in Claitaine's life, a mother from Haiti. Data were generated based on participant observation, by using diaries, field notes, interviews, informal conversations, and audio recordings of these meetings. Considering the meanings attributed by Claitaine to her actions, we analyze how the concept *work* has acquired diffuse and complex importance. From her perspective, the pursuit of a paid activity was the motivation of her immigration to Brazil, and getting a job is related to the possibility of a better future for her children, as it provides better schooling opportunities for them. Her quest also seems to help in the desire of a horizontalization of gender relationships in the domestic realm, lessening patriarchal control, though not eliminating it completely. The visibility of Claitaine's testimony, in relation to other Haitian mothers' lives, is important for a better understanding of their realities, in order to achieve a better outline of language policies that seek to promote the insertion of those women in Brazilian society.



Keywords: linguistic ethnography, immigration, gender and work.

Resumen

A partir de una investigación etnográfica realizada en un curso de portugués, presentamos y discutimos el significado del trabajo y las relaciones de género en la vivencia de Claitaine, madre, de Haití. Los datos se generaron utilizando diarios y notas de campo, entrevistas, conversaciones informales y grabaciones de audio de estas reuniones. A la luz de los significados atribuidos por Claitaine a sus acciones, analizamos cómo el trabajo conceptual ha adquirido una importancia difusa y compleja. Desde su perspectiva, la búsqueda de una actividad remunerada fue la principal motivación para su viaje a Brasil, y la obtención de un empleo está ligada a la posibilidad de un futuro mejor para sus hijos, ya que les proporciona un mejor estudio. Su búsqueda también parece ayudar en el deseo de una horizontalización de las relaciones de género en la esfera doméstica, suavizando el control patriarcal, aunque no lo apacigua en absoluto. La visibilidad del testimonio de Claitaine, en asociación con la vivencia de otras madres haitianas, es importante para una mejor comprensión de sus realidades, a fin de delinear mejores políticas lingüísticas que buscan promover la inserción de estas mujeres en la sociedad brasileña.

Palabras-clave: etnografía del lenguaje, inmigración, género y trabajo.

1. Introdução

A presente investigação¹ insere-se na Linguística Aplicada Indisciplinar (MOITA LOPES, 2006). Essa vertente tem por princípio questionar as implicações da linguagem em fenômenos situados, tecendo pontes com outros campos do saber, evidenciando discursos e vivências invisibilizados pelo regime hegemônico de produção discursiva. As análises empreendidas nesse viés são feitas à luz das transformações tecnológicas, culturais e identitárias por que têm passado os sujeitos na contemporaneidade, principalmente os que ocupam posições subalternas² na escala social. Além disso, a partir de uma visão crítica, essa vertente desafia epistemologias que têm sido construídas a partir de uma perspectiva que se diz neutra e universal (RAJAGOPALAN, 2003).

Com o intuito, portanto, de visibilizar, analisar e interpretar a vivência de mães imigrantes enquanto aprendizes de língua portuguesa, desenvolvemos uma pesquisa etnográfica em um curso de português específico para elas, descrito na seção “Situando a etnografia e o cenário de investigação”. Neste artigo, objetivamos contribuir com o trabalho

¹ A pesquisa, da qual este artigo é recorte, foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da universidade federal em que foi realizada.

² A reflexão que subjaz ao uso do conceito de “subalterno”, neste artigo, leva em conta a discussão levantada por Gayatri Chakravorty Spivak no grupo de Estudos Subalternos sobre a dificuldade de representação dos sujeitos subalternizados pelo discurso hegemônico. Apesar da produtividade do conceito para a discussão, não nos ativemos a ele por conta dos limites deste trabalho.



desenvolvido no Grupo de Pesquisa Educação Linguística e Pós-colonialismo³ que tem buscado, a partir do olhar etnográfico, “entender as práticas de linguagem, considerando histórias locais, diante da realidade global” (LUCENA, 2015), sobretudo enfocando as vivências de sujeitos subalternizados. Desafiando políticas linguísticas e educacionais que atuam com um olhar “verticalizado” (BIZON; CAMARGO, 2018), dedicamos atenção minuciosa aos sujeitos. Entendemos, a partir de Erickson (1990), que é importante olhar para as vivências dos sujeitos à luz dos significados que eles próprios atribuem às suas ações.

A partir de dados preliminares de uma pesquisa de doutorado (REIS, em andamento), objetivamos, no presente estudo, analisar e discutir significados e ações de uma das alunas do curso, Claitaine⁴, em relação às suas falas sobre trabalho. Buscamos mostrar uma parte do percurso de Claitaine na sociedade brasileira, mais precisamente em uma cidade no sul do país, destacando o modo como sua decisão de migrar para o Brasil foi condicionada, segundo ela, pela necessidade e pelo desejo de conquistar um posto no mercado de trabalho. Conforme apontam estudos sobre imigração e gênero, assim como Claitaine, muitas mulheres haitianas e também de outras nacionalidades tomam essa decisão mesmo sabendo das consequências que ela implica nas relações familiares (BAENINGER, 2016a; OLIVEIRA, SILVA, 2016, MEJÍA; CAZAROTTO, 2017).

No decorrer do texto, apresentamos uma breve exposição do macrocontexto de pesquisa, abordando, ainda que brevemente, as migrações Sul-Sul, que caracterizam a diáspora haitiana, a qual a estudante-protagonista deste estudo vivencia. Em seguida, mostramos a etnografia da linguagem como escolha teórico-metodológica, expomos o microcontexto da pesquisa e descrevemos o campo e os procedimentos realizados para a geração de dados. Por fim, discutimos as análises e interpretações dos dados, com base nas falas de Claitaine sobre trabalho e gênero.

2. Migração e trabalho

³ Grupo de pesquisa da UFSC, com registro no diretório de Pesquisa do CNPq.

⁴ Pseudônimo escolhido pela aluna para fins de anonimato.



O Brasil tem sido um dos países de passagem e de destino de imigrantes haitianos, venezuelanos, senegaleses, dentre outros. Baeninger *et al.* (2018) atribuem a escolha do Brasil por esses sujeitos pelo destaque econômico que o país obteve no início da década, assim como pelas dificuldades de entrada e permanência de imigrantes e refugiados nos países do Norte Global (BAENINGER *et al.*, 2018). O deslocamento de sujeitos provenientes de países da periferia do capitalismo para outros países também periféricos – as denominadas migrações Sul-Sul – vem-se intensificando na última década. Tal mobilidade acontece, por exemplo, por questões econômicas e/ou políticas que acentuam os efeitos de desastres, como no caso do terremoto no Haiti em 2010 (PINTO, 2016); por guerras, como no caso da Síria; por conta de conflitos internos e disputas de poder, como no caso da Venezuela.

Esses deslocamentos trazem consequências para o mercado internacional, cujos postos de trabalho destinados a sujeitos subalternizados são, na maioria das vezes, precarizados (VILLEN, 2016). A lógica colonial é, assim, reproduzida, já que o valor de um sujeito passa a ser considerado a partir de sua constituição racial. Como nos lembra Quijano (2009), a colonialidade é “um dos elementos constitutivos e específicos do poder capitalista”. Sendo assim, seguindo sua lógica, o poder

sustenta-se na imposição de uma classificação racial/étnica da população do mundo como pedra angular do referido padrão de poder e opera em cada um dos planos, meios e dimensões, materiais e subjetivos, da existência social cotidiana e da escala societal. (QUIJANO, 2009, p. 84)

A partir dessa noção de classificação racial/étnica e de escala societal, é importante ainda tecer considerações em torno da nacionalidade e do gênero, refletindo sobre a intersecção desses marcadores de opressão implicados nas posições sociais de mulheres negras imigrantes (COLLINS, 2018). Nesse sentido, interessa-nos repensar o ponto de partida das falas de Claitaine, concordando com Collins (2018) e bell hooks (2018a, 2018b), que ressaltam não ser possível falar de mulheres sob um olhar universal e neutro, sem que sejam consideradas as vivências singulares – muitas vezes, invisibilizadas – acerca do que significa *ser mulher* no mundo. A relação gênero-trabalho, bastante complexa nas reivindicações feministas, tem significados diferentes para mulheres que ocupam posições sociais distintas na sociedade. Segundo bell hooks (2018a), no movimento feminista norte-americano, o



trabalho era uma reivindicação das mulheres brancas de elite, que se viam oprimidas pela posição exclusiva de donas de casa e almejavam, na possibilidade de ganhar seu próprio dinheiro, uma libertação do lar e da dominação masculina. No entanto, “as mulheres da classe trabalhadora já sabiam que o salário recebido não iria libertá-las” (bell hooks, 2018a, p. 67). Essa autora desafia as comemorações das ditas conquistas de independência através do trabalho, ao lembrar que, embora as mulheres brancas de elite tenham conquistado para si essas posições, alguns problemas persistem. Segundo bell hooks,

o patriarcado convencional reforçou a ideia de que as preocupações das mulheres de grupos com privilégio de classe eram as únicas dignas de atenção. A reforma feminista teve como objetivo obter igualdade social para mulheres dentro da estrutura existente. (bell hooks, 2018a, p. 69)

Na discussão de bell hooks (2018a), são salientadas diferenças nos postos de trabalho e na renda a eles correspondente, que são marcadas pela intersecção gênero-raça-classe. Dessa forma, como destaca a autora,

na realidade, esses ganhos raramente promoveram mudanças para os grupos de mulheres pobres e da classe trabalhadora. E, como os homens privilegiados não se tornaram igualmente responsáveis pelas tarefas domésticas, a liberdade de mulheres de classe privilegiada de todas as raças exigiu a subordinação sustentada das trabalhadoras pobres (bell hooks, 2018a, p. 71).

Assim como as reivindicações das mulheres brancas e privilegiadas pelo direito ao trabalho eram diferentes das mulheres negras e pobres, os significados produzidos na relação com o trabalho também foram distintos em cada caso. Neste estudo, investigamos a singularidade do olhar de Claitaine em relação ao construto *trabalho* na situação de mãe, imigrante e aluna de um curso de português.

3. Situando a etnografia e o cenário de migração

A Etnografia da Linguagem tem buscado compreender como se dá o uso da linguagem em cenários situados, a partir da análise das interações estabelecidas entre os sujeitos em cenas reais (GARCEZ; SCHULZ, 2015). Na presente pesquisa, os dados foram gerados a



partir dos encontros em sala de aula – no curso de português, previamente citado – e de entrevistas semiestruturadas, conversas informais, mensagens, gravações em áudio e diários e notas de campo. No recorte feito aqui, nós nos dedicamos às falas de Claitaine, mulher e mãe haitiana, com base em dados gerados em observações, notas de campo, entrevistas e conversas informais.

O desenvolvimento de um curso para mães imigrantes se deu em resposta à observação realizada em outros cenários de ensino de português para imigrantes haitianos no Sul do Brasil. Nesses cursos, algumas mães levavam seus filhos por não terem com quem deixá-los, outras não conseguiam frequentar as aulas por conta da falta de rede de apoio. Muitas das que iam aos cursos tinham deixado seus filhos no Haiti. Dentre estas, mais de uma chegou a relacionar a urgência de trabalho com a necessidade de envio de dinheiro aos filhos e parentes, em situações nas quais procuravam a professora-pesquisadora (Narjara) para pedir auxílio na busca de um emprego⁵.

O curso de português para mães imigrantes e parte da pesquisa de doutorado (REIS, em andamento), da qual os dados aqui apresentados são provenientes, tiveram início no semestre 2018/2 e fim em 2019/1. O curso, apesar de ter sido pensado inicialmente para mães haitianas, atendeu, além de cinco mulheres dessa nacionalidade, duas mães venezuelanas, uma colombiana e uma búlgara. Dentre as alunas provenientes do Haiti, embora em maior número, somente Claitaine teve uma participação mais efetiva e assídua. O curso, que ocorreu aos sábados pela manhã, ocupava duas salas de uma universidade federal. Uma dessas salas era destinada às aulas, e a outra, aos filhos e filhas das mães-estudantes. Cuidadoras voluntárias realizavam atividades com as crianças enquanto as mães estudavam. As gravações em áudio das aulas só tiveram início depois de alguns encontros, com a devida anuência das mães.

As aulas foram preparadas e ministradas por uma das autoras deste artigo, Narjara, que exerceu o papel de professora-pesquisadora. No cenário do curso e em entrevistas com

⁵ Outros trabalhos têm focado a importância estratégica das mães na valorização das línguas e os efeitos nas políticas linguísticas e educacionais (GABAS, 2016). Pertencentes a classes sociais abastadas, as escolhas das mães sul-coreanas enfocadas em Gabas (2016) com relação aos estudos dos filhos são sustentadas com recursos em desigual proporção ao de mães de classes sociais menos favorecidas, como é o caso de grande parte das mães haitianas. Essas, por exemplo, sequer tiveram condições para trazer os filhos consigo ao Brasil. Nesse sentido, importa discutirmos as especificidades das vivências de mães para refletir sobre algumas das questões implicadas no mercado linguístico familiar.



Claitaine, a questão do *trabalho* emergiu como central nas vivências de mães haitianas, influenciando a elaboração dos materiais para uso em sala de aula. No segundo semestre do curso, por conta das necessidades evidenciadas pela aluna, que seguia acompanhando o curso assiduamente, algumas atividades foram reformuladas, com a intenção de contemplar demandas de letramento relacionadas às suas expectativas emergenciais, dentre as quais, evidenciava-se a questão do trabalho.

No Módulo 1, intitulado *Falando sobre mim/Pale de mwen*, foram enfocados os seguintes gêneros textuais: entrevista de emprego oral, apresentação formal para completar formulários, apresentação escrita, concepção de currículos e apresentação em situações de informalidade. Já no segundo módulo, intitulado *Conversas*, além de a pesquisadora-professora discutir questões sobre tópicos gramaticais nos quais as alunas apresentaram dificuldades, evidenciadas em suas produções escritas, também foram focos de discussão a leitura, o debate sobre feminismo, divisões de trabalho fora e dentro de casa, a importância do trabalho e as aspirações individuais das alunas.

A busca por trabalho marca a presença de Claitaine no Brasil. Foi esse aspecto, segundo ela, que a fez deixar seu país em busca de oportunidades. Também contribuíram para sua migração as instabilidades políticas e econômicas no Haiti. Após o terremoto de 2010, que destruiu a capital Porto Príncipe, matando mais de 300.000 pessoas (SEGUY, 2015), constantes intervenções dos órgãos internacionais têm suscitado críticas sobre a efetividade dessas ações na melhoria de vida do povo haitiano (BRIEGER, 2019). As más condições estruturais, sociais e econômicas do Haiti, acirradas pelo fenômeno geológico, fizeram milhares de haitianos migrarem para o Brasil desde 2010, dentre os quais Claitaine.

Nos primeiros anos, o trajeto do Haiti até o Brasil feito pelos imigrantes caracterizou-se pela ilegalidade e periculosidade. Para chegar ao Brasil, os haitianos atravessavam fronteiras a partir de contratos estabelecidos com os denominados “coiotes”, pessoas que cobravam consideráveis quantias de dinheiro para guiar a travessia pela Amazônia (BAENINGER, 2016a). Os migrantes vinham de avião até países como Peru e Bolívia. Em seguida, viajavam para o Brasil por terra, percorrendo trajetos incertos, convivendo em espaços insalubres e sofrendo violências de todo tipo (roubos, enganos, subornos, estupros, prisões e até mortes). Ao chegar ao Brasil, ainda tinham de sofrer com a superlotação em



albergues nas cidades brasileiras em que primeiramente entravam. A condição de vida dessas pessoas, em seus processos migratórios, portanto, é bastante árdua. De todo modo, o vislumbre de uma possibilidade de emprego e de alcance de cidadania no país que os recebe é uma força propulsora de esperança para os que decidem realizar o trajeto⁶.

Em 2014, o governo brasileiro, através do Conselho Nacional de Imigração (CNIg), decidiu criar uma maneira oficial de haitianos legalizarem sua entrada no Brasil a partir de Porto Príncipe ou de países fronteiriços, através do visto humanitário (FERNANDES; FARIA, 2016). Apesar de ser uma medida que buscou impedir a entrada ilegal e, por consequência, desestimular o trajeto que os expunha às violências relatadas, a quantidade limitada de vistos emitidos, bem como a demora e burocratização do processo não garantiram de todo o desvio da via ilegal para a oficial. Embora problemático, o visto humanitário permitiu que muitas dessas pessoas passassem a ter uma via legal e mais rápida de oficializar as condições de entrada e de trabalho no Brasil.

Segundo Fernandes e Faria (2016), a quase totalidade da população de haitianos que entrou no país de 2010 a 2012 era composta por homens. A maior parte dos registros de trabalho e residência foi emitida em 2015 (vide Tabela 1), aproximadamente metade dos quais para homens.

Tabela 1: Número de autorizações concedidas, segundo principais países, Brasil 2011-2017

Países	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
SENEGAL	1	-	88	320	345	226	2.285
REPÚBLICA DO HAITI	708	4.825	2.069	1.890	34.773	-	1.244
GANÁ	-	-	3	140	5	397	682
TOGO	-	-	-	-	1	1	81
SERRA LEOA	-	-	1	17	1	4	77
NIGÉRIA	1	3	2	7	1	34	61
PAQUISTÃO	-	-	20	77	12	45	58
BANGLADESH	-	1	46	1.188	706	123	41
GUINÉ BISSAU	-	2	3	59	69	69	33
BENIN	-	-	-	2	-	6	28
GÂMBIA	-	-	-	12	1	2	20
REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO	3	1	-	2	1	15	14
Outros	737	934	1.065	754	377	234	177
Total	1.450	5.766	3.297	4.468	36.292	1.156	4.801

Fonte: Relatório Anual 2018 sobre a inserção dos imigrantes no mercado de trabalho brasileiro (CAVALCANTI *et al*, 2018, p. 47).

⁶ Para mais detalhes sobre a imigração haitiana no Brasil, ver Baeninger (2016b).



Em 2018, porém, a presença de mulheres nos registros passou a representar um terço do total. Dos 95.497 registros emitidos, 64.628 foram para homens e 30.869 para mulheres (CAVALCANTI *et al.*, 2018, p. 65). Ao abordarem o protagonismo feminino na imigração haitiana, Mejía e Cazarotto (2017) observaram, em uma investigação etnográfica, que o deslocamento é um projeto familiar que envolve tanto os membros da família que ficaram quanto os que partiram. Segundo essas autoras, a migração das mulheres do Haiti tem seguido três tendências:

- 1) migram junto com os maridos, o casal faz junto o trajeto Haiti-Vale do Taquari;
- 2) migram depois de um período de separação dos maridos, os quais, uma vez estabelecidos no Brasil poupam dinheiro para financiar a viagem das companheiras;
- 3) migram sozinhas e deixam o marido no Haiti ou na República Dominicana. (MEJÍA; CAZAROTTO, 2017, p. 184).

Essas conclusões foram obtidas a partir de estudos realizados no Vale do Taquari, Rio Grande do Sul, em uma das cidades da segunda região do país com maior inserção laboral de imigrantes, a região Sul (CAVALCANTI *et al.*, 2018, p. 79). Ambos os estudos, Cavalcanti *et al.* (2018) e Mejía e Cazarotto (2017), visibilizam as condições por que passam essas mulheres em situação de diásporas.

Mejía e Cazarotto (2017) destacam que as mulheres haitianas das quais tiveram a oportunidade de se aproximar tinham histórias que, de algum modo, assemelhavam-se às das mães que participaram do curso de português, cujos dados são aqui discutidos. Ambos os grupos enviam remessas de dinheiro ao Haiti. Fruto do trabalho das mães no Brasil, essas quantias servem para ajudar nas despesas com as quais os familiares que ficaram no Haiti, como responsáveis pelos seus filhos, têm que arcar. Além disso, essas quantias também se destinam a quitar a dívida do investimento na viagem ao Brasil, em geral financiado por toda a família. No caso de Claitaine, sua trajetória e vivência de migração familiar é do segundo tipo apontado por Mejía e Cazarotto (2017, p. 184), pois ela veio depois de seu marido, sem os filhos, deixando-os aos cuidados da sogra no Haiti. Suas remessas de dinheiro são enviadas à cuidadora dos filhos e ao seu pai, que, segundo ela afirma, não tem mais condições de trabalhar.



Após termos apresentado, ainda que brevemente, o contexto de imigração, seguimos enfocando parte da vivência de Claitaine, no sul do Brasil.

4. A importância do trabalho e dos estudos na visão de Claitaine

Claitaine tem 32 anos e o ensino fundamental incompleto. Chegou ao Brasil em março de 2018, cinco anos após o marido e sem os dois filhos, de 14 e 7 anos. Claitaine perdeu a mãe e considera que a sogra desempenha muito bem esse papel, tanto para si quanto para os netos.

No Haiti, Claitaine trabalhava com vendas. Comprava roupas no mercado da capital Porto Príncipe e as revendia no mercado de sua cidade, Gonaïves. Claitaine disse que trabalhou nessa atividade por mais de 10 anos. Aqui no Brasil, no primeiro dia em que foi às aulas, na primeira edição do curso, entregou à professora-pesquisadora um currículo, perguntando-lhe se sabia de alguma oportunidade de trabalho. No documento, um currículo resumido, havia algumas poucas informações sobre ela, nada sobre experiências profissionais prévias, nada sobre sua formação educacional, nada sobre ser haitiana, nada sobre vendas. No entanto, ao ser inquirida sobre com o que gostaria de trabalhar, ela respondeu que fazia de tudo: cozinhava, lavava e limpava.

Apesar de afirmar que veio para o Brasil porque aqui “tem oportunidades”, só conseguiu emprego nove meses após sua chegada. Um mês depois de Claitaine ter conseguido trabalho como auxiliar de cozinha em um restaurante, Narjara, enquanto sua professora, perguntou-lhe, numa entrevista, por que ela e o marido escolheram vir para o Brasil e quais expectativas eles tinham em relação ao país:

Claitaine: Porque meu país não tem trabalho, tem, mas por que que estudou, terminar estudo [tem para quem já terminou os estudos] [...] é difícil lá conseguir trabalho [...] eu vem pro meu filho, pra eu conseguir um emprego, mandar dinheiro pro meu filho, pra escola.

Narjara: Pra ele ir pra escola? A escola dele lá é paga?

Claitaine: Sim.

Narjara: Não é gratuito? Tem que pagar pra estudar?

Claitaine: E é caro também

Narjara: Nossa! Poxa vida, não sabia disso! Aqui no Brasil é de graça.

Claitaine: Eu quer que meu filho estuda, termina a escola, vai pra universidad... université, fazer tudo o que eu não fez eu não tem [tive] tempo pra fazer.



Narjara: Ah, você queria fazer e não teve tempo.

Claitaine: Eu quer terminar [queria ter terminado] escola, estudou medicina pra cuidar de minha família. Mas eu acabei ficar grávida depois eu não fui mais escola.

Narjara: Você ficou grávida com quantos anos?

Claitaine: Com seis anos.

Narjara: Dezesseis?

Claitaine: Dezesseis. De meu premier filho.

Narjara: “Meu primeiro filho”... Você teve com dezesseis. [...] Então, tu tem dois filhos.

Claitaine: Dois (ENTREVISTA, 23/01/2019).

Claitaine não terminou o ensino fundamental por conta de uma gravidez precoce, aos 16 anos. Para os filhos, deseja proporcionar a oportunidade de estudo que lamenta não ter tido e, conseqüentemente, de trabalho. A conclusão de uma graduação, segundo afirma, estaria associada a um melhor posto no mercado laboral. Claitaine vê a melhoria das oportunidades de trabalho à medida que se galgam maiores degraus na formação educacional. Bourdieu e Passeron (2014) discutem essa lógica em relação ao sistema de ensino francês. Os autores apresentam dados sobre acesso à universidade levando em conta a categoria socioprofissional dos pais dos ingressantes, apontando, portanto, para os privilégios de classe desses alunos. Essa análise os leva a refletir sobre a escola não como produtora de ascensão social, como é comumente vista, mas como mera reprodutora de desigualdades sociais, uma vez que essa instituição apenas legitimaria as práticas sociais e os usos linguísticos de uma minoria, nutrida por um complexo e restrito circuito cultural. Os autores observam que a ascensão social e o acesso a cursos de nível superior na França estão ligados não somente à instituição escolar, mas a uma série de outras questões, relacionadas à herança cultural, o que coloca a ideia de meritocracia à prova. Nessa análise, o sistema de ensino aparece falseado como lugar de formação educacional e cultural de excelência para todos e segue favorecendo os que já ocupam posições privilegiadas social e economicamente na sociedade (BOURDIEU; PASSERON, 2014).

Claitaine, por sua vez, está convicta de que a escola promove a ascensão social. Assim, acompanhou as aulas, desde o início, com assiduidade e compromisso na resolução das atividades propostas. No intervalo entre a primeira e segunda edições do curso, em janeiro de 2019, foram realizadas entrevistas com Claitaine. Essa maior aproximação com Narjara, a professora-pesquisadora, foi importante para o estabelecimento de um laço de confiança, essencial em pesquisas etnográficas (ERICKSON, 1990). Em fevereiro, Claitaine



procurou Narjara espontaneamente para relatar que, tendo trabalhado por três meses, só havia recebido por um deles. Ela estava bastante abalada e procurava um novo emprego. Pensava em voltar para o Haiti, pois não queria continuar dependente financeiramente do marido. No entanto, tal decisão implicaria pedir dinheiro a ele e à sogra, situação que queria evitar.

Durante uma dessas conversas, em uma lanchonete, a aluna retirou um currículo do bolso e o entregou à funcionária do caixa, perguntando se havia alguma vaga ali. A moça disse que eles estavam contratando, sim, e que poderia entregá-lo ao responsável pelas contratações. Ao ser convidada para um lanche, Claitaine respondeu que o queria mesmo era um emprego para ter condições de comprar o seu próprio. Em abril de 2019, no início da segunda edição do curso, Claitaine nos avisou, com alegria, que havia conseguido um emprego em uma escola em um bairro próximo à sua casa, como auxiliar de limpeza.

5. As relações entre gênero e trabalho nas falas de Claitaine

As relações entre trabalho e gênero emergiram na fala de Claitaine em discussões na sala de aula do curso de português. Semanas depois do início do curso, em uma das atividades do Módulo 2, *Conversas*, as alunas refletiram sobre o significado de *feminismo* antes e após lerem um texto que trazia um breve histórico sobre o surgimento do movimento na Inglaterra e nos Estados Unidos (SILVA, 2019). A discussão foi guiada pelas seguintes perguntas:

- a) Afinal, pela leitura do texto, o que é feminismo?
- b) Você concorda com o texto que ainda não há as condições de igualdade entre os gêneros? Por que? Cite exemplos.
- c) Como era a relação entre seus pais e familiares na divisão de tarefas domésticas? Você concordava com essa divisão?
- d) Como é a divisão de tarefas na sua casa? Você concorda com isso ou mudaria alguma coisa?
- e) Existe alguma coisa que você faz ou deixa de fazer pelo fato de ser mulher?
- f) Qual a importância do trabalho para você?

Claitaine colocou que, no seu país, as divisões entre os gêneros são bem marcadas. Algumas atividades são consideradas masculinas e, quando mulheres as realizam, elas não



são bem vistas na sociedade. Conforme mostramos na vinheta abaixo, com base nas observações em campo, Claitaine sinaliza sua indignação em relação às desigualdades de gênero, no Haiti.

Após afirmar existir uma divisão de atividades bem marcada com relação ao gênero masculino e feminino no Haiti, Claitaine enumerou profissões relacionadas à representação política, cargos exercidos majoritariamente por homens, como a de presidente, deputado, secretário, após dizer “tudo que um homi possa fazer, a mulhé possa fazê também”. Em seguida, colocou que a mulher poderia ser qualquer coisa, pois, se os homens estudam, as mulheres podem estudar também. E concluiu: “eu acho que iss tem que mudá” (DIÁRIO DE CAMPO, 15/06/2019).

Na sequência, depois de colocar seu ponto de vista em relação aos aspectos de gênero, ainda em sala de aula, narrou um episódio de sua infância. Segundo ela, seu pai, ao vê-la subir em uma árvore, a reprimiu violentamente dizendo que essa não era uma ação adequada a uma menina:

eu lembro que eu tav co 10 anos, eu tava subir com o pé de manga e meu pai vai: ‘oi menina, você vai descer aqui, você não é um menino!’ E até hoje eu lembro, ele me bateu. Pra nunca, só homem pode subir, ele me bateu, eu não pode subir lá, ‘você acha que você vai um menino (DIÁRIO DE CAMPO, 15/06/2019).

Ainda sobre o episódio, ela questiona: “Porque eu não poss subir? Eu tem vontade subir, eu tem peso, eu tem pé, [...] Eu poss subir. Às vezes, eu caio. Eu vou continuar a subir. Pro meu pai tá de fora, não tá de casa, eu subi.” Claitaine concluiu contando à turma que, quando o pai não estava em casa, ela continuava a subir em árvores, pois não concordava com a divisão de gêneros que ele impunha em seu discurso. E completou afirmando que ela faz tudo o que quer e que as mulheres deveriam fazer tudo o que querem também.

Na sequência da discussão em sala de aula, a professora-pesquisadora perguntou às alunas qual seria a importância do trabalho para as mulheres e as características positivas e negativas de um momento político e social em que as mulheres trabalham mais que os homens, tanto fora quanto dentro de casa. A professora referiu-se a estatísticas recentes que apontam que a distribuição das tarefas domésticas ainda não é igualitária no Brasil (OLIVEIRA, 2018).

Sobre este tema, Claitaine expôs que as divisões do trabalho doméstico em sua casa também não eram tão igualitárias quanto gostaria que fossem e falou sobre a importância do



trabalho fora de casa para as mulheres, de modo geral. Nessa oportunidade, salientou diferenças entre o Haiti e o Brasil, desde seu ponto de vista, afirmando achar bom para as mulheres trabalharem porque elas não precisam ficar dependentes do marido. Retomando suas observações sobre o contexto do Haiti em comparação com o do Brasil, Claitaine diz: “Lá, só homens podem ser *tacistas*. Aqui, vi mulheres taxistas”. E ao abordar o trabalho com marcenaria, outra atividade considerada masculina em seu país, reitera: “mas eu acho que todas coisa que os homi faz, as mulhé possa fazer também. [...] Se eu não sê fazer, tudo bem, mas se eu poss’aprender, eu possa fazer” (DIÁRIO DE CAMPO, 15/06/2019).

Sobre as divisões de tarefas no contexto doméstico, em específico, as alunas e a professora-pesquisadora comentaram sobre situações em que as mulheres, em muitas casas no Brasil, além de ficarem com a responsabilidade de comprar e preparar os alimentos, têm ainda que servir seu marido na hora do almoço ou do jantar. Novamente, Claitaine tomou a palavra, enfatizando: “No Haiti é assi tabém!”. E, continuando, narrou um episódio em que se rebelou contra essa expectativa do marido, já morando no Brasil. Contou-nos que, um dia, na hora do jantar, ela se recusou a servir seu marido, dizendo a ele que poderia servir-se sozinho. Como resposta, ele foi até o fogão e serviu-se, calado (DIÁRIO DE CAMPO, 15/06/2019).

Nesse exemplo, Claitaine, mais uma vez, desafia pressupostos do modelo patriarcal de sociedade que associa a realização do trabalho doméstico ao gênero feminino. Ao responder à pergunta sobre a importância do trabalho para ela, a aluna diz que acha muito importante trabalhar, pois essa seria uma forma de não precisar pedir dinheiro ao marido. Essa sequência de falas de Claitaine denuncia uma realidade marcada pela divisão de tarefas de acordo com os gêneros, que limita as experiências laborais da mulher, segundo sua opinião. Ao apontar diferenças entre o Haiti e o Brasil no que tange ao gênero, Claitaine mostra-se mais propensa a concordar com o que observa neste país, em que a mulher parece ter uma maior liberdade para decidir sobre sua vida nos termos do que é esperado e aceito socialmente (COLLINS, 2018).

Claitaine se mostra indignada ao retratar a cena de opressão vivenciada em sua infância, quando uma figura masculina, o pai, lhe dita normas de conduta. Fica evidente que ela percebe essa violência como fundada no gênero. Nota-se também sua atitude desafiadora



em relação ao marido ao desobrigar-se explicitamente das funções que dela seriam esperadas na relação doméstica (DIÁRIO DE CAMPO, 15/06/2019).

Nesse sentido, importa aqui retomar o que Claitaine colocou em termos do trabalho como necessário, mas insuficiente para a libertação definitiva da mulher, ou seja, ela percebe que, apesar de o trabalho ser favorável à sua emancipação, a desigualdade existente nas relações ainda sobrecarrega a mulher. O homem ainda não se sente tão responsável quanto deveria pelo ambiente doméstico, que ocupa e utiliza tanto quanto a mulher. Tampouco assume o papel de cuidador dos filhos tanto quanto a mulher. Claitaine reconhece toda essa problemática social, exemplificando com sua própria situação. Apresenta, em sua fala, pontos em seu casamento e na sociedade que “precisam mudar” (DIÁRIO DE CAMPO, 15/06/2019).

Pelo que percebemos com Claitaine, embora ela busque sua independência financeira, ao afirmar que trabalhar implica não precisar pedir dinheiro ao marido e também busque uma melhor distribuição das tarefas domésticas, seu desejo é ainda relativo, considerando que as tarefas relacionadas aos cuidados com os filhos ainda eram realizadas principalmente por Claitaine, quando ela e o marido estavam junto a eles no Haiti.

Em sua consideração sobre os estudos e o trabalho, Claitaine associa-os de maneira direta. Para ela, a emancipação se dá a partir do trabalho e da educação, uma vez que os estudos seriam uma possibilidade de galgar melhores oportunidades. Trabalhar para enviar dinheiro para os estudos dos filhos é um investimento que faz visando ao longo prazo, com disciplina e paciência, atravessando todas as dificuldades para dar aos seus filhos as oportunidades que ela não teve.

Os valores de Claitaine sobre educação e trabalho parecem cruciais para configurar o compromisso com o curso. Aprender a língua portuguesa, em sua equação, parece ser equivalente a estar mais apta a buscar melhores posições econômicas e, portanto, sociais, ainda que esta concepção possa estar equivocada, como problematizam Bourdieu e Passeron (2014).

A valorização dos estudos por Claitaine, além do seu compromisso com o curso de português, importa para compreendermos melhor a realidade das mulheres imigrantes que buscam o conhecimento da língua portuguesa para a inserção na sociedade. Todavia, é



importante ressaltar que a postura ativa de Claitaine não é uma característica de todas as imigrantes haitianas no Brasil. Por exemplo, no contexto das mulheres haitianas estudadas por Mejía e Cazarotto (2017), outras subjetividades e vivências aparecem:

os sentimentos e as emoções estão contidos em vozes sufocadas pelos problemas que enfrentam. [...] No caso das mulheres haitianas, elas carregam uma mágoa intensa, que manifestam no bloqueio em relação à aprendizagem de língua. [...] Em programas de capacitação de que participamos, observamos a presença mínima de mulheres haitianas, apesar de serem convidadas e estimuladas a fazê-lo. (MEJÍA; CAZAROTTO, 2017, p. 185-186)

Nesse caso, elas teriam dificuldade de frequentar programas de capacitação em decorrência de complexos aspectos emocionais da imigração que impactam na motivação dessas alunas. Como aponta o trabalho de Mejía e Cazarotto (2017) importa reconhecer as vozes ou os silêncios dessas mulheres no tipo de imigração que sofreram. Collins (2018), por exemplo, critica o processo de validação do conhecimento que exclui as perspectivas de mulheres negras estadunidenses. Podemos dizer que esse mesmo recurso atua sobre os discursos de mulheres haitianas e permite a certos estudos fazerem generalizações baseadas em estereótipos sobre o silêncio ou a não participação dessas mulheres em cursos de português ou programas feitos para elas. Conforme relata Collins,

as acadêmicas negras podem ter convicção de que algo é verdadeiro – isto é, de que algo é verdadeiro segundo os padrões amplamente aceitos entre mulheres negras e, - contudo, não querem ou constatarem que é impossível legitimar suas afirmações usando as normas acadêmicas predominantes. Cada discurso, cada nova proposição deve condizer com um conjunto de conhecimentos existente e aceito como verdadeiro pelo grupo que controla o contexto interpretativo. Observe, por exemplo, as diferenças entre a maneira como as mulheres negras estadunidenses interpretam suas experiências como mães solteiras e a maneira como as pesquisas em ciências sociais geralmente analisam a mesma realidade. Enquanto as mulheres negras enfatizam sua luta contra a discriminação no mercado de trabalho, pensões alimentícias insuficientes, moradias precárias e violência urbana, demasiadas pesquisas em ciências sociais parecem hipnotizadas por imagens de ‘mulheres preguiçosas que dependem da ajuda do governo. (COLLINS, 2018, p. 147)

A autora complementa ainda que, no contexto ao qual se refere, “muitas mulheres negras não são vistas como testemunhas confiáveis de suas próprias experiências” (COLLINS, 2018, p. 147). Sobre a invisibilização do discurso das mulheres, também Heller e McElhinny são críticas, lembrando que, na sociolinguística da década de 1970, *gênero* foi uma categoria de análise incluída para dar conta de especificidades das linguagens das



mulheres, mas as interpretações sugeridas eram vistas em termos de um déficit em relação à linguagem dita masculina (HELLER; McELHINNY, 2017, p. 216).

No caso desta pesquisa, parece haver um interesse real de aprendizagem da língua portuguesa por essas mulheres procedentes do Haiti. Assim, nos parece que a falta de uma participação mais efetiva delas em iniciativas de ensino da língua é, na maioria das vezes, avessa a sua vontade. Por exemplo, no caso do curso descrito nas seções anteriores, as alunas-imigrantes que não puderam participar não o frequentaram por questões financeiras. Uma delas obteve doações para o dinheiro da passagem e conseguiu acompanhar algumas das aulas do curso. Claitaine morava a poucas quadras da universidade e pôde comparecer, fazendo-o com assiduidade. Por outro lado, por conta do alto custo de vida na cidade em que o curso foi oferecido e do cuidado no emprego do dinheiro – e também pela necessidade de envio de remessas de dinheiro aos seus familiares no Haiti –, muitas dessas mulheres não tiveram condições de investir no curso, cuja realização implicava o preço do transporte público. Além disso, e o mais importante, elas não podem abrir mão de um turno de trabalho, quando, por ventura, já tenham conseguido uma vaga no mercado, ou mesmo uma oportunidade laboral instável – os serviços de limpeza pontuais, como a faxina, por exemplo.

Cabe considerar o valor do deslocamento para assistir às aulas, assim como outras dificuldades. A oferta preferencial de cursos de português em espaços em que há concentração de imigrantes tem mostrado resultados positivos. É o que salientam Andriguetti *et al.* (2017), sobre um curso realizado em um alojamento para imigrantes, com presença significativa de mulheres:

nos primeiros encontros, tínhamos um total de 20 alunos, sendo onze mulheres e nove homens. O grupo foi se constituindo aos poucos. A cada aula, apareciam novos interessados, convidados por alunos já integrantes da turma ou pela divulgação da Paróquia na comunidade. A partir da metade do curso, tínhamos um total de 30 alunos, ficando estabelecido que a essa altura não seriam mais aceitas novas inscrições devido ao andamento das aulas. A assiduidade dos alunos em aula era variada, embora sempre tivéssemos um número razoável – uma média de 20 alunos por encontro. Isso se dava em parte ao fato de muitos de nossos alunos fazerem trabalhos esporádicos, não comparecendo em algumas datas (ANDRIGUETTI *et al.*, 2017, p. 201).

Segundo Andriguetti *et al.* (2017, p. 198), “a maior parte deles morava a poucas paradas da Paróquia Santa Clara, local onde se realizaram as aulas, e muitos frequentavam as



missas e demais atividades e reuniões comunitárias promovidas pela Paróquia”. As autoras/promotoras do curso consideraram o local de moradia dos alunos, as atividades por eles realizadas e seus interesses na concepção do programa de estudos, de base interacionista⁷.

Em suma, é preciso considerar que o dinheiro tem para essas mães significado diferente do que para pessoas que não estão sob as pressões que elas estão. O mesmo se aplica ao modo como valorizam o trabalho e a aprendizagem de língua portuguesa. *Trabalhar*, para essas mulheres imigrantes, não se trata apenas de sobreviver, mas de obter condições para toda a família. No caso de Claitaine, que espera pelo resultado de seu trabalho no Brasil, significa voltar a ter seus filhos por perto, ajudar o pai e retribuir a ajuda da sogra. Para ela, trabalhar significa sustentar não só os filhos, mas suportar também a carga emocional de os ter distantes de si sem a mínima garantia de condições justas de empregabilidade e renda.

6. Considerações finais

Neste artigo, expusemos e analisamos um recorte da vivência de Claitaine, mãe haitiana, estudante de um curso de português no sul do Brasil, e analisamos suas falas em relação ao trabalho. Evidenciamos o quanto a situação econômica caótica no Haiti, o acaso de ter engravidado tão cedo, a estratificação social, a divisão de atividades na sociedade e de tarefas domésticas em torno do gênero e a valorização dos estudos por Claitaine estão, de algum modo, associados à sua visão sobre o trabalho e à sua experiência de aprendizagem de português. Destacamos o quanto é importante que o testemunho dessas mulheres seja legitimado pelas instâncias do poder-saber, contrariando a lógica da produção de discursos dominante e hegemônica, que cala mulheres e, ainda mais efetivamente, as negras e pobres.

Consideramos que as vozes dessas mulheres e, conseqüentemente, os cursos de português para imigrantes só podem ser dimensionados se nos dispusermos à escuta, considerando os lugares singulares que elas ocupam. Enfatizamos que suas vivências devem ser visibilizadas e entendemos que só a partir da compreensão de singularidades – no caso

⁷ As autoras baseiam-se em uma “perspectiva dialógica de linguagem” (BAKHTIN, 2003 *apud* ANDRIGUETTI *et al*, 2017, p. 195) em que “o ensino de línguas deve ser feito de forma situada”, levando em conta que “toda interação se dá em um contexto específico” (BAKHTIN, 2003 *apud* ANDRIGUETTI *et al*, 2017, p. 195).



específico deste artigo, focamos no *trabalho* e nas relações de *gênero* – será possível proporcionar melhores condições de inserção social e de experiências de ensino e aprendizagem de português para imigrantes na comunidade brasileira⁸.

Referências

ANDRIGUETTI, G. H; PERNA, C. B. P.; PORTO, M. M. Português como língua de acolhimento [...] *Brazilian English Language Teaching Journal - BELT*. Porto Alegre, v. 8, p. 191-208, 2017.

BAENINGER *et al.* (Org.). *Migrações Sul-Sul*. 2. ed. Campinas: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” – Nepo/Unicamp, 2018.

BAENINGER, R. G. Imigração e gênero: as mulheres haitianas no Brasil. In: *Imigração haitiana no Brasil*. Jundiaí: Paco, 2016a. p. 267-286

BAENINGER, R. G. *Imigração haitiana no Brasil*. Jundiaí, Paco, 2016b.

bell hooks. Luta de classes feminista. In.: _____. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018a. p. 65-74

bell hooks. Mulheres trabalhando. In.: _____. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018b. p. 81-88.

BIZON, A. C. C.; CAMARGO, H. R. E. Acolhimento e Ensino da Língua Portuguesa à População [...] In: BAENINGER, R. (org). *Migrações Sul-Sul*. 2. ed. Campinas: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” – Nepo/Unicamp, 2018. p. 712-726.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J. C. *Os herdeiros: os estudantes e a cultura*. Trad. Ione Ribeiro Valle e Nilton Valle. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.

BRIEGER, P. Camille Chalmers, intelectual y dirigente social haitiano: “La situación es de absoluta ingobernabilidad”. *Nodal – Notícias de America Latina y el Caribe*. 7 marzo 2019. Disponível em: www.nodal.am/2019/03/camille-chalmers-intelectual-y-dirigente-social-haitiano-la-situacion-es-de-absoluta-ingobernabilidad/ Acesso em: 22 ago. 2019.

CAVALCANTI, L. *et al.* *Relatório Anual 2018: Migrações e mercado de trabalho no Brasil*. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério do Trabalho/Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração. Brasília, DF: OBMigra, 2018.

⁸ Agradecemos à Lara Lucena Zacchi do LEGH – Laboratório de estudos de gênero e História (UFSC) – pelas contribuições nas versões preliminares deste artigo.



COLLINS, P. H. Epistemologia negra feminista. In: BERNARDINO-COSTA, J.; MALDONADO-TORRES, N.; GROSFUGUEL, R. (orgs). *Decolonialidade e pensamento afrodiáspórico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 139-171.

ERICKSON, F. Qualitative Methods. In: LINN, Robert L.; ERICKSON, Frederick. *Research in Teaching and Learning*. New York: Macmillian Publishing Company, v. 2, 1990. p. 77-187.

FERNANDES; D.; FARIA, A. V. A Diáspora haitiana no Brasil: processo de entrada, características e perfil. In.: BAENINGER, Rosana *et al.* (Org.). *Imigração haitiana no Brasil*. Jundiaí: Paco, 2016. p. 95-111.

GABAS, T. M. *O valor das línguas no mercado linguístico familiar: políticas e ideologias linguísticas em famílias sul-coreanas transplantadas*. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2016.

GARCEZ, P. M.; SCHULZ, L. Olhares circunstanciados: etnografia da linguagem e pesquisa em Linguística Aplicada no Brasil. *D.E.L.T.A.*, n. 31, p. 1-34, 2015.

HELLER, M; McELHINNY, B. *Language, capitalism, colonialism: toward a critical history*. Toronto: University of Toronto Press, 2017.

MEJÍA, M. R. G.; CAZAROTTO, R. T. O papel das mulheres imigrantes na família transnacional que mobiliza a migração haitiana no Brasil. *Repocs*, v. 14, n. 27, jan/jun, 2017. p. 171-190

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. *Por uma Linguística Aplicada INdisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

OLIVEIRA, G. Divisão de tarefas domésticas ainda é desigual no Brasil. *Senado Notícias*. 05 agosto 2018. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/especial-cidadania/divisao-de-tarefas-domesticas-ainda-e-desigual-no-brasil/divisao-de-tarefas-domesticas-ainda-e-desigual-no-brasil> Acesso em: 24 ago. 2018.

OLIVEIRA, M. M.; SILVA, E. O. Migração haitiana na Amazônia à luz dos estudos de gênero. In: BAENINGER, R. *et al.* (Org.). *Imigração haitiana no Brasil*. Jundiaí: Paco, 2016. pp. 287-315.

PINTO, J. *Os deslocamentos forçados de haitianos e suas implicações*. São Paulo: LumenJuris, 2018.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (orgs.). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Edições Almedina, 2009. p. 73-117.

RAJAGOPALAN, K. *Por uma Linguística Crítica: linguagem, identidade e a questão ética*. São Paulo: Parábola, 2003.



REIS, N. O. *Um olhar etnográfico sobre a experiência de mães imigrantes aprendizes de portugueses em Florianópolis*. Tese (doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, em andamento.

SEGUY, F. Racismo e Desumanização no Haiti. *Educere et Educare*. v.10, n. 20, jul/dez, 2015.

SILVA, D. N. O que é feminismo? *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/historia/o-que-e-feminismo.htm>. Acesso em: 15 jun. 2019.

VILLEN, P. Periféricos na Periferia. In.: BAENINGER, R. *et al.* (Org.) *Imigração haitiana no Brasil*. Jundiaí: Paco Editorial, 2016. p. 45-64.